

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: "ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM DEBATE"

O presente número da Revista Percursos é dedicado ao debate sobre a contribuição das disciplinas das Ciências Sociais nos diferentes níveis de ensino (fundamental, médio e superior). Pretende-se com isso proporcionar um balanço do papel que disciplinas presentes em muitos currículos - tais como Sociologia e Antropologia - têm diante dos desafios da sociedade contemporânea, em especial, da realidade brasileira. O debate sobre o tema tem como referência o duplo desafio colocado para aqueles que atuam nas instituições de ensino, ou seja: pretende-se uma discussão que contemple tanto a formação profissional do futuro professor e pesquisador de Ciências Sociais como o papel educativo das ciências sociais na formação daqueles profissionais que não serão antropólogos, sociólogos ou cientistas políticos.

A questão assume, no presente, curiosos contornos, pois no momento em que assistimos a redução de disciplinas da área das ciências sociais na grade curricular de muitos cursos de graduação, presenciemos a instituição da obrigatoriedade do ensino de sociologia na escola. Para aqueles que atuam nos cursos superiores, abre-se todo um leque de indagações: o que é esperado pela sociedade dos futuros cientistas sociais? Quais os seus espaços de atuação profissional? O que tem sido ensinado? Como historicamente se justificou a presença de conteúdos das Ciências Sociais em muitos cursos de graduação e no nível secundário? Qual a importância da Sociologia para o futuro profissional e cidadão, que não será sociólogo, que atuará em outros campos profissionais? Em que medida pode a Antropologia contribuir na atuação futura daqueles que não serão antropólogos? Estas são questões que inspiraram a proposta deste dossiê.

Se tomarmos as próprias instituições de ensino como um microcosmo político e *locus* da experiência de cidadania, outras perguntas se somarão a este debate. Refletir sobre o ensino das disciplinas de Ciências Sociais é também refletir sobre as práticas sociais nas próprias instituições de ensino e o potencial de formação, informação e instrumentalização que esses saberes representam para tais práticas dos sujeitos envolvidos, notadamente, nossos estudantes.

Um primeiro conjunto de textos tem como foco as Ciências Sociais no ensino médio. Mais especificamente, são reflexões desenvolvidas no contexto da obrigatoriedade da Sociologia no ensino médio, que retirou a disciplina do lugar secundário a que estava destinada nos currículos quando concebida como parte dos conhecimentos transversais. Este debate é mais do que justificado diante do dado de que dos mais de 20 mil professores que lecionam Sociologia no ensino médio, apenas 12% possuem formação específica na área. É o que Jaqueline Russczyk e Leonardo Rafael Santos Leão nos informam em seu artigo. Partindo desta preocupante realidade os autores discutem de que maneira a formação de professores de Sociologia para o ensino básico deve ser pensada. A reflexão foi desenvolvida em duas linhas de análise: primeiro, com uma preocupação compartilhada pelos outros autores presentes neste dossiê, procurando superar a dicotomia entre formação de professores e formação de pesquisadores; segundo, discutindo a questão do militantismo político tão vinculado à prática do sociólogo, professor e/ou pesquisador.

O artigo de Fernanda Feijó traça um histórico do desenvolvimento da Sociologia no Brasil, analisando as conjunturas nas quais a Sociologia esteve presente ou ausente no currículo do ensino para o nível secundário. A autora enfatiza na análise do processo as conexões entre a institucionalização da disciplina e o contexto cultural e político em que as ciências sociais estão inseridas.

Mário Bispo dos Santos, no artigo “Diretrizes curriculares estaduais para o ensino de Sociologia: em busca do mapa comum”, desenvolve a análise do conteúdo de diretrizes estaduais para o ensino de Sociologia no nível médio em quatorze estados brasileiros. A preocupação do autor com o ensino da Sociologia no ensino médio traduziu-se na realização de um mapeamento de conceitos e temas buscando explicar a visibilidade de uns e a invisibilidade de outros. Tal mapeamento foi realizado com base em uma criteriosa metodologia de análise de conteúdo, que permitiu ao autor identificar tanto as categorias que compõem um referencial comum como as diferenciações internas a este referencial.

Luiza Helena Pereira discute a importância do licenciado em Ciências Sociais ter uma formação consistente em teorias sociológicas. Para tanto, procede a uma revisão das teorias sociológicas da educação, evidenciando suas contribuições não só na explicação do problema da educação do ponto de vista sociológico, mas também na postura pedagógica do professor, nas suas implicações nas práticas de sala de aula, nas relações entre professor e aluno, na seleção de conteúdos.

Com a mesma preocupação de relacionar a teoria e a prática no campo da disciplina sociologia no ensino médio, o artigo de Francisca de Almeida traz resultados de uma pesquisa

realizada entre professores recém- ingressos na rede pública do estado do Ceará. Problemas administrativos, a defasagem na formação dos professores de Sociologia do ensino médio, a desvalorização das licenciaturas em geral, a dissociação entre a formação do pesquisador e do professor são discutidos pela autora em seu texto.

Para além da contribuição no ensino na escola, a reflexão sobre o ensino de Antropologia aparece neste dossiê, também na universidade, como disciplina que faz parte dos conteúdos básicos de vários cursos superiores. Dentro desta perspectiva, Ari José Sartori discute o ensino de Antropologia “para quem não vai ser antropólogo” e, para tanto, discute a inclusão deste conteúdo em cursos dos principais IES da região sul. Já o artigo de Soraya Fleischer aborda o ensino da prática de pesquisa em antropologia, suas estratégias e dificuldades também quando envolve alunos de um curso de Graduação em Saúde Coletiva. O artigo pode ser lido como uma “etnografia do ensino da etnografia”, tornando-se instigante para a reflexão sobre o ensino do método antropológico nos mais diversos cursos de graduação. Ainda dentro da discussão sobre a Antropologia na formação de não antropólogos, o artigo de Amurabi Oliveira reflete sobre um curso superior em que a Antropologia assume importância particular: o curso de Pedagogia. Nesse artigo é tematizada a Antropologia da Educação e seu lugar na formação de professores.

Focado nesse debate, o dossiê que apresentamos pretende contribuir na quebra do habitual isolamento da atuação em sala de aula dos professores do campo das Ciências Sociais, apontando a importância do registro, o compartilhamento e troca de experiências, a crítica e as reflexões didático-pedagógicas. Com isso, avançamos e qualificamos nossas reflexões acerca de uma prática nem sempre plenamente compreendida, inclusive por aqueles que nela atuam.

Florianópolis, junho de 2012.

Flávia de Mattos Motta – UDESC

Francisco Canella – UDESC

Ione Ribeiro Valle - UFSC